



Notas e reflexões a partir de escritos sobre a pesquisa de campo e suas implicações na Etnomusicologia

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Jorgete Maria Portal Lago
UFBA - *jorgetelago@gmail.com*

Resumo: O seguinte texto apresenta algumas reflexões sobre a prática da pesquisa de campo, suas implicações e questões éticas no contexto atual. O texto tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre os temas discutidos na disciplina Pesquisa de Campo na pós-graduação. A partir da leitura dos textos de Malinowski (1997), Seeger (1980), Davis (1992) e Araújo (2009), entre outros, discutimos temas sobre questões técnicas na pesquisa de campo, quais as implicações éticas e qual o papel político e educativo do etnomusicólogo na sociedade.

Palavras-chave: Notas. Reflexões. Pesquisa de campo. Etnomusicologia

Notes and Reflections from Writings on Field Research and its Implications on the Ethnomusicology

Abstract: The following text presents some reflections on the practice on the Field research, its implications and ethical issues in the current context. The text aims to present some reflection on the issues discussed in the discipline Field Research in post graduate course. From de reading os texts of Malinowski (1997), Seeger 91980), Davis (1992) e Araujo (2009) among others. We discuss issues about technical problems in the field study. What are the ethical implications and which political and educational role of the ethnomusicologist in the society.

Keywords: Notes. Reflections. Field Research. Ethnomusicology

1. Pequena introdução

A prática da pesquisa de campo se tornou uma metodologia de coleta de dados tendo como áreas percursoras a Etnologia e a Antropologia, sendo seus métodos absorvidos pela Etnomusicologia posteriormente. Durante o curso da disciplina Pesquisa de Campo tivemos oportunidade de estudar textos da área de Antropologia e Etnomusicologia com temas e discussões diversos, desde questões mais técnicas até reflexões e questionamentos sobre esta prática com seus impactos para a academia, comunidades estudadas e a sociedade em geral.

2. Temas e autores em discussão

Um dos primeiros textos estudados foi um capítulo do livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* de Bronislaw Malinowski publicado em 1922, onde o autor fala sobre o propósito da pesquisa de campo e suas técnicas. Este texto é clássico na Antropologia por apresentar de forma detalhada os procedimentos de pesquisa em campo. O texto nos chamou a atenção, pois naquele momento a Antropologia estava se afirmando como disciplina e a precisava definir uma metodologia confiável e precisa para a coleta de dados e uma análise neutra e imparcial dos mesmos. E é sobre a busca pelo rigor mais científico na coleta de

dados que Malinowski estabeleceu algumas condutas e procedimentos de pesquisa para a elaboração de uma etnografia mais detalhada possível. É claro que apesar da busca por uma rigidez metodológica, ele admitia que um texto muito acadêmico não interessasse o leitor, pois quando se fala de cultura, se fala de seres humanos e retirar do texto as ações e emoções do cotidiano é como retirar-lhe a “carne e o sangue”. O autor admitia que o trabalho do etnógrafo não deveria ser tão calculista na descrição de uma cultura, pois existiam elementos que não teriam como ser descritos sem uma participação em campo. Sobre esta situação ele afirmava:

Existem os vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou da análise de documentos, mas que têm que ser observados em pleno funcionamento chamemo-lhes de *imponderabilia da vida real*. (MALINOWSKI, 1997: 31)

Ao final do texto, o autor apresenta algumas indicações para se alcançar o objetivo da etnografia que considere o “ponto de vista do nativo”, mas que o texto não perca seu rigor científico. Neste estudo percebemos a preocupação de Malinowski em dar certa flexibilidade à escrita etnográfica, mas com técnicas e objetivos bastante rígidos. A objetividade e neutralidade por parte do etnógrafo era uma busca incessante, somente a visão do nativo era meritória de descrição, temas como a relação do nativo com o pesquisador, a interferência do mesmo na comunidade e até mesmo a opinião do etnógrafo sobre sua relação com a comunidade não era assunto abordado. Mas, ao longo da disciplina e de acordo com os textos estudados observamos que estas relações foram mudando e a objetividade do etnógrafo foi sendo colocada em questão assim como seu papel nas comunidades pesquisadas.

Prosseguimos nas discussões sobre o papel do pesquisador e suas contribuições para o bem-estar da sociedade, principalmente para os segmentos sociais menos prestigiados. Diante desta questão tomamos o texto *Pesquisar-Participar* de Carlos Rodrigues Brandão (1999) onde ele chama a atenção para a pesquisa participante, onde pesquisador e pesquisado trabalham em colaboração. Esta proposta de ação parte do pressuposto que as comunidades tenham condições de conhecer a sua própria história e a partir deste (re) conhecimento compor uma nova narrativa sobre seus percalços e o pesquisador teria um papel de agente de pesquisa colaborando neste processo. Neste texto, Brandão fala que esta temática tem motivação no antigo IDAC (Instituto de Ação Cultural) que foi criado por Paulo Freire e tinha como objetivo desenvolver ações educativas e culturais que envolvessem educadores, pesquisadores como agentes de ação social e política nas comunidades e grupos de populares. A proposta da pesquisa social ou ação educativa é calcada no princípio da responsabilidade social compartilhada por todos. A responsabilidade é maior para pesquisadores e educadores,

pois estes profissionais apresentam formação acadêmica com campo de atuação junto à sociedade e as pessoas que vivem nela. A chamada é para a ação e a leitura crítica da realidade no intuito de minimizar as desigualdades na produção de conhecimento, pois como afirma Rosiska e Miguel Oliveira:

Pensamos que a finalidade de qualquer ação educativa deva ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem trabalhamos. Por isso mesmo, o estudo da realidade vivida pelo grupo e sua percepção da mesma realidade constituem o ponto de partida e a matéria-prima do processo educativo. (BRANDÃO, 1999:19)

Diante desta perspectiva a busca pela neutralidade e objetividade tão evidenciada na antropologia e áreas afins não seria possível, pois somente a partir de uma postura crítica e intencionalmente política que o pesquisador pode desenvolver ações de transformação e não somente descrições dos problemas enfrentados pelos grupos pesquisados. Este conjunto de artigos nos trouxe como reflexão pensar sobre o papel político do pesquisador e em que medida há o interesse do mesmo em diminuir ou derrubar as barreiras que separam a academia dos problemas da sociedade. Estas questões foram colocadas nas aulas e prosseguimos para alguns textos em Etnomusicologia com as mesmas abordagens e outros temas mais técnicos, a exemplo da gravação e transcrição.

Nosso primeiro texto etnomusicológico foi retirado do livro *Os índios e nós* (1980) de Anthony Seeger que compõe uma coletânea de textos relatando sua a experiência de campo com comunidades indígenas. Estudamos um capítulo do livro, onde Seeger faz uma apresentação falando sobre o interesse do antropólogo em conhecer sociedades e culturas diferentes e assim desnaturalizar os hábitos e costumes da sua própria sociedade e manter uma posição de distanciamento para compreender sua cultura. E de acordo com o autor foi com este objetivo que ele veio ao Brasil com intuito de conhecer uma cultura diferente, sem um objetivo salvacionista, como ele mesmo relatou. Um aspecto diferenciado no texto de Seeger é o relato da sua trajetória, dos trâmites, dos problemas burocráticos e das suas frustrações até chegar à aldeia. Ainda ao longo do texto, ele fala sobre o “adestramento do antropólogo” ao relatar o aprendizado de tarefas básicas e de sobrevivência que foram mais urgentes do que suas anotações e entrevistas de campo, assumindo que precisaria de outro tipo de formação que não recebeu na academia. O método de pesquisa por ele empregado foi em função das necessidades da sua vida na aldeia, dificilmente os índios tinham tempo e disposição para assuntos de pesquisa assim como em muitos momentos, o pesquisador também. Outro ponto interessante foi à inacessibilidade de se investigar alguns dados, devido a sua inexistência naquele contexto ou pelos interditos dos índios. Enfim, o trabalho de Seeger é um exemplo

que na elaboração de um texto acadêmico a subjetividade do pesquisador não deve ser um elemento que represente um problema para a pesquisa. Mas um dado sobre como decisões e impressões pessoais podem contribuir no redimensionamento dos objetivos e assim, os método de pesquisa. Desta maneira, um texto mais franco e sincero, insere de fato o pesquisador naquele contexto e o leitor se vê mais interessado em conhecer esta experiência, do que um texto estéril e distanciado. Não sabemos até que ponto, Seeger revelou todas as suas impressões nos seus textos, por questões de preservação de sua pessoa e até mesmo dos membros da comunidade, mas já nos deu alguns indicativos sobre a possibilidade deste tipo de escrita.

Ainda na linha de discussão sobre o papel do pesquisador, estudamos três textos em sequência com temáticas sobre a autoridade do pesquisador, a diversidade e desigualdade entre pesquisador e pesquisados e a atuação profissional do etnomusicólogo. Sobre a crise da autoridade do pesquisador na representação dos pesquisados estudamos o artigo *O olhar etnográfico sobre a voz subalterna* de José Jorge de Carvalho (1999), que faz uma crítica à situação de subalternidade intelectual na qual os países periféricos se submeteram como meio de se inserir na produção intelectual global. Carvalho chama a atenção sobre a negação da palavra do pesquisado pelo pesquisador e sugere uma escrita etnográfica onde as narrativas dos pesquisados sejam apresentadas na sua integralidade como postura política e cultural no enfrentamento contra a dominação. Nosso questionamento diante da afirmação do autor era se a academia se disponibilizaria a este tipo de texto. Qual formato de escrita poderia se articular com ambos os interesses? Como se poderia realizar um formato de pesquisa menos desigual na escrita acadêmica? Com estas questões suscitadas em sala de aula, estudamos o artigo *Diversidade e desigualdade entre pesquisadores e pesquisados. Considerações teórico-metodológicas a partir da etnomusicologia* de Samuel Araújo (2009). A discussão deste artigo teve como ponto de partida o local de realização da pesquisa: a cidade ou em contextos urbanos complexos. Considerando que historicamente as pesquisas em Etnomusicologia foram e ainda são realizadas em contextos diferentes da do pesquisador e em locais menos urbanizados, a pergunta do autor é saber quais os desafios da pesquisa “em casa”? É claro que não há uma resposta única e imediata, mas Araújo sugere que um ponto de partida seja a mudança de postura por parte do pesquisador numa dimensão ética e política que não o torne somente um observador neutro, mas um agente de ação política junto às comunidades pesquisadas. Diferente de outros locais de pesquisa, quando o pesquisador tinha um período estabelecido para estar em contato com a comunidade na cidade funciona de maneira diferente. O local onde o pesquisador mora tem a vantagem da sua presença no campo por um

tempo indeterminado, construindo e reconstruindo ações em longo prazo e permitindo trocas com grupos diversificados. Pesquisar nas grandes cidades, onde o pesquisador vive também pode trazer alguns problemas, relacionados à representatividade e autoridade do mesmo, mas como relata Araújo no texto:

O que se propõe aqui é que, quaisquer que sejam seus respectivos objetos, os pesquisadores deveriam ser cômicos, em sentido crítico estrito, desde o início das implicações de seu estar no campo das lutas cotidianas de seus interlocutores, como um índice de engajamento para o bem ou para o mal. (Idem, 2009: 179)

Percebemos neste trecho, que o pesquisador é chamado a assumir uma postura política e de ação engajada, pois sem um trabalho crítico as desigualdades na produção de conhecimento são mantidas, além dos problemas urbanos que atingem a todos. O pesquisador não deve se eximir do seu compromisso com a melhoria do bem-estar social. Ainda neste artigo o autor apresenta alguns estudos de caso a partir de ações promovidas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, ONGs e institutos em comunidades favelizadas na cidade do Rio de Janeiro. Com base nos princípios de Paulo Freire sobre a construção coletiva do conhecimento, o grupo Musicultura, criado a partir destas ações, tem desenvolvido pesquisas sobre as práticas musicais na comunidade da Maré considerando as necessidades e preocupações dos seus próprios integrantes, que também são moradores do local. Tais ações já foram apresentadas em congressos e publicadas em forma de artigo com autoria coletiva em revistas nacionais e internacionais da área de Etnomusicologia. Acreditamos que as críticas, reflexões e os estudos de caso apresentados no artigo de Araújo, nos permite repensar nossas posturas políticas e ativistas como pesquisadores e que o estranhamento também acontece “dentro de casa” e nos força a ter outro tipo de olhar e postura para com as práticas musicais dos locais onde habitamos entre outras questões.

E como último tema deste conjunto de artigos acima citados, discutimos sobre a atuação profissional do etnomusicólogo para além da academia. E para refletirmos sobre estudamos o artigo *Careers, “Alternatives Careers” and unity between theory and practice in Ethnomusicology* de Martha Ellen Davis (1992). Percebemos ao longo dos textos estudados, a presença de críticas sobre a relação distanciada entre universidade e sociedade em geral. Tais relatos apontam a ausência de diálogos entre a produção acadêmica e as reais necessidades e interesses por parte da população. Os cursos de graduação e mais precisamente os de pós-graduação não promovem discussões sobre a atuação profissional dos discentes e assim não permite uma discussão sobre outros locais de pesquisa para além da academia. Os futuros pesquisadores quando terminam seus cursos se deparam com a sensação de vazio porque desejam trabalhar no âmbito acadêmico, mas não há lugar para todos, e então eles às vezes

desistem de continuar pesquisando. O artigo de Davis foi muito interessante para tal discussão, pois trata justamente das “carreiras alternativas” para o etnomusicólogo, pois promovem outro tipo de atuação fora da universidade, mas numa situação não menos prestigiada. Martha Davis apresenta a atuação profissional de etnomusicólogos que trabalham numa abordagem similar a da Etnomusicologia aplicada em uma área denominada “folclore do setor público”, conforme a autora explica:

Folclore do setor público refere-se a projetos práticos de conservação cultural empreendidos por folcloristas como funcionários ou consultores do governo - federal, estadual, ou municipal - e organizações de conservação cultural sem fins lucrativos tais como sociedades e museus. (DAVIS, 1992: 362)¹

Esta área de atuação profissional ocorre nos EUA como parte de uma política de promover ações e projetos na preservação de culturas tradicionais. Ao receber algumas críticas por ser um modelo conservacionista de cultura, o folclore do setor público passou por algumas mudanças. Os pesquisadores passaram a trabalhar em colaboração com as comunidades e grupos como mediadores, ou de acordo com Davis como um “corretor de cultura” (*culture broker*). Para este profissional seu papel era negociar, facilitar e advogar em favor das comunidades tradicionais perante as instâncias de poder. Davis chama a atenção que tal trabalho não tem menos valor intelectual que o produzido na universidade e que independente de onde atue o etnomusicólogo, ele tem que considerar questões éticas implicadas na sua pesquisa. É claro que o pesquisador também tem que pensar sobre algumas questões para sua atuação profissional, como habilidades, preferências e até mesmo situações de trabalho. E neste sentido ela aponta uma gama de possibilidades onde o etnomusicólogo poderia atuar de maneira prática na aplicabilidade das teorias estudadas na universidade. Davis reforça que a escolha por um trabalho fora da academia não deve parecer como uma falta de opção, mas sim uma oportunidade para atuação em outras frentes.

Nas discussões em sala de aula surgiram questionamentos sobre quais seriam os locais de atuação do etnomusicólogo no contexto brasileiro? Além da universidade, outras instituições governamentais ou privadas teriam espaço para estes profissionais? Qual a atual situação profissional do etnomusicólogo no Brasil? Onde estão e o que fazem? Os cursos de formação e pós-graduação têm promovido diálogos sobre esta questão, já que não há lugar pra todos na universidade? Estas foram algumas das questões que surgiram na leitura e reflexão sobre este artigo, pois acreditamos que seja um assunto importante a ser abordado, mas dada a

¹ Public-sector folklore refers to practical projects in cultural conservation undertaken by folklorists as employees or consultants of government – federal, state, or local – and non-profit cultural-conservation organizations such as historical and museums.



ausência de discussões neste sentido, nos pareceu ser mais um problema pessoal do futuro pesquisador do que uma possibilidade de se pensar outras formas de se praticar a teoria aprendida na academia. E considerando toda a temática anterior voltada para atuação mais colaborativa e ativista do pesquisador em prol da sociedade, mais do que nunca se faz necessária à abordagem deste tema.

3. Considerações reflexivas

Para finalizar, acreditamos que os temas e os textos estudados no curso da disciplina de Pesquisa de Campo foram interessantes, pois trabalhamos com autores de outras áreas que possuem os mesmos dilemas e situações vivenciadas no âmbito da Etnomusicologia. De maneira geral, os textos apresentaram uma temática em comum, que é a realização de pesquisas de caráter colaborativo para uma maior aplicabilidade da teoria na prática e que a universidade se aproxime da realidade e das necessidades da sociedade onde ela está inserida, principalmente dos grupos subalternos. Enfim, a discussão não finaliza e novas propostas e temas irão surgir na medida em que novas situações ocorrerem. E o pesquisador como cidadão que é não pode se ausentar das discussões, contribuindo com seu conhecimento e sua atuação política.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO JÚNIOR, Samuel Melo de. Diversidade e desigualdade entre pesquisadores e pesquisados. Considerações metodológicas a partir da Etnomusicologia. *Revista desigualdade & Diversidade*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p.173-191, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar e Participar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 9-16.
- DE CARVALHO, José Jorge. O olha etnográfico e a voz subalterna. *Série Antropologia*. Brasília. N. 261, 1999, p. 1-29.
- DAVIS, Martha Ellen. Careers, “alternative Careers” and the Unity Between Theory and Practice in Ethnomusicology. *Ethnomusicology*, Illinois, v. 36, n.3, Fall, 1992, p. 361-187.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. *Ethnologia*. V.6-8, 1997, p-17 a 37.
- DE OLIVEIRA, Rosiska Darcy; DE OLIVEIRA, Miguel Darcy. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 17-33.
- SLOBIN, Mark. Ethical Issues. In: MYERS, Helen. *Ethnomusicology. Historical and Regional Studies*. New York: W.W. Norton and Company, 1993, p. 329-336.



SEEGER, Anthony. *Os índios e nós. Estudo sobre as sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. P.11-39.